

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 23/7/2009

Autor: João Carlos de Oliveira

Mudar é preciso, mas sem apelos populistas

América Latina: análises de amplo leque pretendem ser base para reformas

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso está de volta, e não se está falando aqui de mera disputa eleitoral. Ele volta em boa forma. Define seu campo, sua crença, sua avaliação da realidade da América Latina, da crise econômica e de seus impactos e, claro, elege desafios e adversários.

FHC não está sozinho nessa jornada de disputa ideológica e política. Conta com a companhia, entre outros, de Alejandro Foxley, ex-ministro da Fazenda e ex-chanceler do Chile. É um texto assinado por ambos que serve de introdução para estes dois livros. O primeiro é dividido em três partes: democracia e governabilidade, globalização e políticas, problemas econômicos. No segundo, são examinadas as questões de política social.

O painel é rico e, muitas vezes, devastador. A desigualdade é a marca da região, o número de homicídios é mais que o dobro da média mundial, a dicotomia formal-informal é característica central do mercado de trabalho. Sabe-se também, agora, que, no geral, os países latino-americanos estavam mais preparados para enfrentar a crise.

Esses dados e muitos outros estão disponíveis nos dois volumes. Há textos temáticos assinados por 18 articulistas. Mas as estrelas são FHC e Foxley. Na prática, o texto assinado por ambos serve como uma plataforma que tenta costurar os diversos temas tratados.

É leitura obrigatória, por exemplo, “Mudança Climática”, de Sérgio Abranches e Eduardo Viola, que mostram como o Brasil é o país com menor custo de redução de emissões entre os grandes emissores – embora, convém lembrar, parte dessas cargas poluentes, por que ilegais, mostrem a fragilidade do Estado.

Destaca-se também o texto de Mario Marcel e Elizabeth Rivera, "Economia Política das Receitas Fiscais e Políticas Sociais na América Latina". Os autores revelam que o tamanho relativo do Estado, na maior parte dos países da América Latina (o Brasil, neste aspecto é uma exceção) é pequeno. Mas isso não é produto de uma opção política pelo Estado liberal. Apenas expressa a correlação das forças políticas, a mesma que fabrica as grandes desigualdades. Desde 1990, a carga tributária na região cresceu 5% do PIB e os gastos sociais, 2,5% do PIB. Contudo, o texto mostra que os países que mais puderam expandir o gasto social foram os que se viram beneficiados por folgas fiscais derivadas da melhoria transitória nos preços de seus produtos de exportação.

Os livros resultam do projeto "Uma Nova Agenda Econômica e Social para a América Latina", desenvolvido pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso em parceria com a Cieplan (Corporación de Estudios para Latinoamérica). Os estudos contaram com o apoio financeiro da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), do BID e do Programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD). Foram coordenados por Simon Schwartzman, pelo iFHC, e Patricio Meller, pela Cieplan. A direção executiva coube a Sérgio Fausto (iFHC) e Ignacio Walker (Cieplan).

Os textos pedem, em um resumo brevíssimo, reformas. FHC foi eleito, no Brasil, duas vezes, para fazer e implementar reformas políticas e econômicas. Essa espécie de jeito reformista de enxergar e mexer na cena latino-americana deve ser vista como uma alternativa ao chamado "novo populismo", depreende-se da leitura.

FHC e Foxley rechaçam, sem meias palavras, a avaliação de que a crise atual deve ser entendida como prova do "fracasso, no coração do sistema capitalista, de um modelo (chamado neoliberal) que a região havia absorvido do exterior e implementado obedientemente nos anos 1990". Para eles, nem o capitalismo, nem a globalização estão em jogo.

O que se está vivendo é "um ajuste abrupto e dramático" de desequilíbrios macroeconômicos que se acumularam ao longo do ciclo de expansão e da implosão de uma bolha produzida por inovações especulativas.

Agora, no nível global, o desafio é amortecer o impacto da crise e gerar regulação que reduza o risco futuro de novas crises sistêmicas, sem inibir a inovação. Na América

Latina, acreditam, além disso, será necessário elaborar propostas e definir qual será o papel destes países na nova arquitetura mundial. Por que, terminada a crise, e ela acabará em algum momento, “teremos pela frente um mundo capitalista globalmente integrado. E é por isso que o tema das reformas continua na agenda”.

Dito de outro modo, para eles, ainda será preciso tomar medidas para continuar a reduzir as restrições econômicas ao crescimento e para o fortalecimento da democracia, das instituições e dos mercados.

A crise, no entanto, servirá para demonstrar que havia uma armadilha que foi montada pelos ventos favoráveis da expansão da economia: a crença de que não há limite para as políticas distributivistas de grande atrativo popular ou eleitoral – tão comuns na América Latina.

No plano político, essa armadilha é uma das que compõem o embate entre os que propugnam pela institucionalização, como os autores, e os que são seduzidos pela personalização do poder. Existe, afirma Ignacio Walker, uma evidente tensão entre a democracia política (chamada de democracia das instituições) e a democracia personalista, populista, plebiscitária e delegativa.

Essa tensão é alimentada por expectativas. Nesse contexto, a crise política não pode ser entendida somente como uma crise de partidos ou instituições representativas – que o Senado brasileiro não nos deixa esquecer –, mas também como um resultado da ineficácia dos Estados para dar conta das demandas e dos direitos dos cidadãos.

Dessa maneira, o Estado que pregam não é exatamente o tal do mínimo, mas o necessário para ser politicamente legítimo, fiscalmente responsável, tecnicamente competente e capaz de agir em cooperação e de forma complementar com as organizações da sociedade civil e com o setor privado. Numa palavra, as tarefas que a sociedade civil e/ou o setor privado puderem realizar não devem ser feitas pelo Estado diretamente – que as deve regular.

Enfim, os livros têm o mérito de definir com clareza qual é o verdadeiro campo de batalha.